

PATERNIDADE ATÍPICA E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: A POTÊNCIA DO PAI COMO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO NO TEA

ATYPICAL FATHERHOOD AND BEHAVIOR ANALYSIS: THE POWER OF THE FATHER AS AN AGENT OF TRANSFORMATION IN ASD

Francisco Narthagnan Chaves da Silva¹

Resumo: Este ensaio explora a paternidade no contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA), abordando a dolorosa dualidade entre a estatística do abandono paterno e a extraordinária potência do pai que permanece e se engaja ativamente. Argumenta-se que a presença paterna, quando informada pelos princípios da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e exercida no ambiente natural do lar, transcende o mero suporte para se tornar uma das mais eficazes formas de intervenção terapêutica. Fundamentado na literatura e entrelaçado com o relato pessoal do autor — um pai que descobriu o próprio diagnóstico de TEA ao buscar ajuda para seus filhos —, o texto defende que o envolvimento consciente do pai é uma variável crítica que catalisa o desenvolvimento, fortalece o vínculo familiar e redefine o significado da própria paternidade.

Palavras-chave: Paternidade Atípica, Análise do Comportamento, Transtorno do Espectro Autista, Envolvimento Paterno, Neurodiversidade.

Abstract: This essay explores fatherhood in the context of Autism Spectrum Disorder (ASD), addressing the painful duality between the statistics of paternal abandonment and the extraordinary power of the father who remains and actively engages. It argues that paternal presence, when informed

¹ Doutorando em Psicologia, mestre em educação, Neuropsicólogo, analista do comportamento, Músicoterapeuta autista, pai de dois filhos no espectro autista.



by the principles of Applied Behavior Analysis (ABA) and exercised in the natural environment of the home, transcends mere support to become one of the most effective forms of therapeutic intervention. Grounded in the literature and intertwined with the author's personal account—a father who discovered his own ASD diagnosis while seeking help for his children—the text argues that the father's conscious involvement is a critical variable that catalyzes development, strengthens the family bond, and redefines the meaning of fatherhood itself.

Keywords: Atypical Fatherhood, Behavior Analysis, Autism Spectrum Disorder, Paternal Involvement, Neurodiversity.

Introdução: A Encruzilhada do Diagnóstico

O dia do diagnóstico de um filho é uma encruzilhada. Para um pai, a notícia de que seu filho está no Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode ser sentida como o desmoronamento de um mundo de expectativas. Nesse exato momento, um caminho se bifurca. De um lado, há a estrada da negação e da fuga. Do outro, há um caminho mais íngreme e incerto, mas que leva a um destino de profundo significado: o da aceitação, da luta e da entrega.

Como pai de um menino de 10 anos com TEA nível 3 de suporte e de uma menina de 13 anos com nível 1, e também como analista do comportamento, eu vivo diariamente nessa segunda estrada. Este ensaio nasceu da minha plena convicção do avanço e evolução dos meus filhos devido à minha presença e incentivo. É um testemunho que busca confrontar a sombra do abandono com a luz da paternidade presente, argumentando que essa presença, quando aliada às ferramentas da Análise do Comportamento, se torna a força motriz para o desenvolvimento de uma criança com TEA.



A Sombra do Abandono: A Estatística e a Ferida

É impossível ignorar a realidade refletida em dados alarmantes. Embora faltem censos oficiais que cruzem especificamente o abandono paterno com o diagnóstico de TEA, a estatística mais referenciada neste debate vem do Instituto Baresi e é amplamente divulgada pela imprensa. Segundo esses dados, cerca de 78% dos pais se separam da mãe antes que o filho com uma doença rara ou deficiência complete 5 anos de idade (ESTADÃO, 2021).

Essa fuga pode ser compreendida como uma dificuldade em lidar com o luto pelo “filho idealizado”, uma ferida no narcisismo paterno que muitos não conseguem suportar (Costa, 2008). Este choque psicológico é agravado pelo que pesquisadores brasileiros como Smeha e Cezar (2011) identificam como uma crise da identidade masculina tradicional, na qual a “falha” em gerar um descendente “perfeito” pode levar a sentimentos intensos de inadequação. O abandono, portanto, não é apenas uma estatística; é uma ferida que marca a criança e sobrecarrega a mãe, que é forçada a assumir todos os papéis em uma jornada já exaustiva.

O Contraponto: A Potência do Pai que Permanece e se Descobre

Em total oposição à figura do pai ausente, emerge a potência do pai que fica. Este pai não apenas permanece fisicamente; ele se reconstrói. Ele entende que seu papel não é lamentar o filho que não veio, mas aprender a se conectar com o filho que está ali, em seus braços. A sua presença ativa se torna um dos ambientes mais ricos para o desenvolvimento.

No meu caso, essa jornada foi ainda mais profunda. Ao mergulhar nos estudos para ajudar meus filhos, ao buscar entender suas necessidades e formas de ver o mundo, eu me deparei com um espelho. Foi a partir deles, na busca incessante por respostas e ajuda, que veio o meu próprio diagnóstico de TEA. Essa descoberta não foi um fardo adicional; foi uma chave. De repente, muitas das minhas próprias dificuldades e peculiaridades fizeram sentido. Entendi que a conexão com



meus filhos não era apenas empática, mas neurobiologicamente partilhada. Isso transformou minha paternidade e minha prática. A missão paterna foi redefinida:

“A meta nunca foi a ‘cura’ ou a busca por filhos ‘normais’. Meu objetivo, como pai e como analista do comportamento, é lutar para que eles sejam funcionais, que tenham autonomia para fazer suas próprias escolhas e que alcancem uma qualidade de vida plena, o mais próximo possível da tipicidade. A conexão e o amor são o caminho, mas a autonomia deles é o destino.”

Análise do Comportamento no Lar: A Família como Ambiente Terapêutico

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é reconhecida por sua eficácia, mas sua verdadeira força se manifesta quando seus princípios extravasam as paredes da clínica e impregnam o cotidiano familiar. O lar é o cenário principal da vida da criança, e é nele que as habilidades precisam fazer sentido. É aqui que a figura do pai se torna absolutamente central.

Quando um pai entende os princípios básicos do comportamento, ele para de ver os desafios como “manhas” e passa a enxergá-los como comunicação. Ele aprende que o ambiente pode ser estruturado para favorecer a aprendizagem. Este é o cerne de abordagens naturalistas como o Ensino em Ambiente Natural (NET). Como descrevem Hart e Risley (1975) em seus trabalhos pioneiros, a linguagem e outras habilidades são aprendidas de forma mais eficaz quando ensinadas em resposta às iniciativas e motivações da própria criança. A atuação do pai no lar é a mais pura aplicação desse princípio.

A filosofia também é central em modelos como o Treinamento de Respostas Pivôs (PRT), desenvolvido por Koegel e Koegel (2006), que foca em ensinar habilidades “pivôs” – como a motivação e a capacidade de responder a múltiplas dicas – dentro de interações de brincadeira natural. O pai que brinca no chão com seu filho, seguindo sua liderança, está aplicando a melhor prática da ciência comportamental.

“A Análise do Comportamento me deu o ‘como’, mas meus filhos me ensinam o ‘porquê’.



Cada brincadeira no chão é uma oportunidade para ensinar mandos [pedidos]. Cada abraço apertado depois de uma tarefa difícil é um reforçador diferencial. A ciência me deu as ferramentas, mas o amor, e agora a autocompreensão, me mostram qual delas usar e como usá-la com gentileza.”

A base da ABA no ambiente familiar, promovida por ambos os pais, garante a generalização e a manutenção das habilidades, tornando o processo de aprendizagem um ato de amor e conexão.

Conclusão: Uma Estrada Incerta, mas Cheia de Amor e Autoconhecimento

A paternidade atípica nos coloca diante de uma escolha fundamental. A de ser definido pelo diagnóstico ou a de defini-lo a partir de nossas ações. A decisão de ficar, de se envolver e de aprender é um ato de coragem que transforma não apenas a criança, mas o próprio pai. No meu caso, essa transformação foi literal: ao buscar ser o melhor pai para meus filhos, tornei-me mais consciente de mim mesmo.

A união da dedicação paterna com os princípios da Análise do Comportamento cria um ciclo virtuoso: o pai, ao aplicar estratégias eficazes, vê o progresso do filho; esse progresso reforça o comportamento do pai, que se torna mais confiante e engajado, gerando ainda mais progresso na criança. É a prova de que o conhecimento, quando colocado a serviço do amor, é a ferramenta mais poderosa que existe.

A todos os pais que se encontram nessa encruzilhada, meu relato é um convite para não desistir. É um chamado para traçar com seus filhos uma estrada incerta, mas cheia de amor. Porque no final, o avanço e a evolução deles serão o testemunho mais eloquente da potência que existe em um pai que decide, contra todas as probabilidades, simplesmente ficar, lutar e, no processo, se encontrar.

Referências

COSTA, N. M. de M. F. da. (2008). Ser pai de uma criança com deficiência: implicações para a constituição da identidade paterna. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal do



Rio Grande do Norte, Natal.

ESTADÃO. Mães de crianças com doenças raras sofrem com abandono paterno, sobrecarga e preconceito. Estadão, São Paulo, 15 mai. 2021. Disponível em: <https://brainly.ro/tema/9718542>. Acesso em: 9 ago. 2025.

HART, B., & RISLEY, T. R. (1975). Incidental teaching of language in the preschool. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 8(4), 411–420.

KOEGEL, R. L., & KOEGEL, L. K. (2006). Pivotal response treatments for autism: Communication, social, & academic development. Paul H Brookes Publishing.

LAMB, M. E. (Ed.). (2010). *The role of the father in child development* (5th ed.). John Wiley & Sons.

SCHREIBMAN, L., DAWSON, G., STAHMER, A. C., et al. (2015). Naturalistic developmental behavioral interventions: Empirically validated treatments for autism spectrum disorder. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 45(8), 2411-2428.

SMEHA, L. N., & CEZAR, P. K. (2011). A vivência da paternidade frente à doença crônica do filho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(4), 523-531.

